

**Geografia e ensino: Dimensões teóricas e práticas**Victória Ruffatto Singulani<sup>1</sup>

BASQUEROTE, Adilson Tadeu. Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/geografia-e-ensino-dimensoes-teoricas-e-praticas>. Acesso em 10 Ago. 2023.



Disponível em:

<https://atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/geografia-e-ensino-dimensoes-teoricas-e-praticas>. Acesso em: 10 Ago. 2023.

A priori, no capítulo um, cujo o nome é “A geografia poética e o ensino Pan – Amazônico de fronteira”, aborda sobre a geopoética, que, segundo o autor, é uma ponte que liga o ensino/ aprendizagem com o vivido dos educandos, em sala de aula. Teoricamente, a escola é um conjunto multicultural que tem a função de reunir e incluir a diversidade singular e plural da educação amazônica, e são esses valores que a geografia poética procura valorizar, ela busca trazer os conhecimentos, os mitos e as crenças da população Pan – Amazônica, na aprendizagem dos educandos, dentro do âmbito escolar.

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa. Bolsista da Residência Pedagógica de Geografia. E-mail: [victoria.singulani@ufv.br](mailto:victoria.singulani@ufv.br). Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-8950-8223>.

Desse modo, o autor utiliza ideologias de dois autores, Moacir Gadotti(1998) e Paulo Freire(1997) para afirmar, que, em uma sociedade que é caracterizada pela globalização da economia, das comunicações, da educação e da cultura, pelo pluralismo político, pela emergência do poder local, onde cresce a reivindicação pela participação e autonomia que admite a diferença, ou seja, uma sociedade que é contra toda forma de uniformização e a favor da singularidade de cada região, reafirmando a multiculturalidade sendo a marca desse tempo. Assim, o autor faz uma crítica ao autoritarismo escolar, que desconsidera a geopoética, condenando os alunos ao fracasso escolar, porque a escola não os valorizou e não tolerou suas diferentes diferenças.

A geografia poética não tolera alunos e professores serem submetidos a humilhação e nem ao fracasso. Essa geografia descarta qualquer ato de preconceito e segregacionismo, para ela ser efetivada, é preciso da convivência com o lugar, assim, alunos e professores precisam ser os protagonistas e atores desse enfrentamento ao ensino conservador.

No capítulo dois, em “Aprender Brincando: O Amazonas e a Amazônia em jogos” é abordado sobre uma pesquisa qualitativa aplicadas em duas turmas, 6º e 7º ano do Ensino Fundamental da rede pública da cidade de Manaus. O autor aborda sobre a necessidade de engajar os alunos nas aulas, sugerindo a utilização dos jogos nos ambientes educacionais, como meio de diversificar o processo de aprendizagem, tornando os conteúdos conceituais mais interessantes e estimulantes ao aprendizado. Ao longo do artigo, o autor orienta e afirma a importância do professor analisar certos pontos tanto para criar jogos que atenda sua demanda e turma, como também como lidar durante a atividade, para a mesma atingir o objetivo proposto.

Assim, o artigo traz três jogos de aprendizagem sobre a região Amazônica e o Amazonas. O primeiro jogo, é o “jogo da memória: Amazônia” com o objetivo pedagógico de familiarizar os alunos com alguns aspectos da fisiografia da região Amazônica. O segundo, é o “Supertrunfo dos municípios do Amazonas”, esse tem a necessidade de despertar o interesse e a curiosidade dos alunos com o conteúdo referente aos municípios do Amazonas, familiarizando – os com a

sonoridade dos nomes, além de comparar e discutir os dados do IDH, população, área territorial, densidade demográfica e PIB per capita. O terceiro: “Viajando pelos rios da Amazônia”, com o objetivo de identificar as características da bacia hidrográfica da Amazônia. Após a aplicação das atividades, o autor afirma ter bons resultados, sendo perceptível um estímulo a busca de informações mais aprofundadas sobre os dados apresentados sobre a Amazônia, além de um engajamento melhor nas aulas, principalmente quando nas atividades eram resgatados dados dos jogos.

No capítulo três, “Educação especial para alunos especiais”, é apontado algumas das dificuldades encontradas pelos professores como a complexidade de lecionar para alunos com tamanha diversidade em um modelo de ensino que não favorece a liberdade e aprimoramento do professor. O modelo tradicional de educação onde o professor é o destaque da sala de aula e os alunos ficam enfileirados tem sido pouco eficaz a algum tempo, ainda mais quando no cenário os alunos com necessidades especiais. Assim, o autor apresenta o histórico sobre a educação especial, de leis e métodos que foram surgindo para atender os alunos durante a história da educação e apresenta também alguns relatos de vivências dos professores com a inclusão de alunos com as várias denominações clínicas que foram dadas a eles.

Assim, o autor afirma, que, para um bom desenvolvimento e aprendizado deste aluno é necessário a presença de uma equipe multidisciplinar com a união do governo e da escola para elaborarem uma metodologia mais flexível para o avanço e a permanência desses alunos no âmbito escolar. Do ponto de vista da inclusão, o meio deve ser modificado para atender as necessidades dos alunos, e não a criança se adaptar ao meio, afirmando assim, a importância da flexibilidade do currículo como mediador da inclusão.

Entretanto, não é tão simples assim, por mais que essa realidade sempre esteve presente nas escolas, é novidade essa pauta ser tratada e ter a importância que tem hoje e é “comum” alguns profissionais terem ainda uma ideia distorcida de que a inclusão tem que dar conta dos conteúdos específicos de uma educação tradicional. Há a falta de continuidade com os estudos dos

educadores diante ao novo cenário e uma ausência de intimidade com a inclusão. As Políticas Públicas conceberam a educação enquanto direito de todos, a Pessoas com Necessidades Especiais encontra dificuldades para efetivação da sua garantia. Para a efetivação de fato, é necessário a união dos alunos, pais, professores e toda a comunidade escolar.

No próximo capítulo, “Sujeitos, trajetórias e lugares: Inclusão e arte através da capoeira”, é apresentado uma pesquisa realizada em Guarapuava – PR, por meio de entrevistas semiestruturadas com o objetivo de dialogar com professores e praticantes de capoeira da cidade. Assim, o autor fala sobre a história da capoeira, como ela surgiu, suas raízes e toda sua evolução como luta, cultura e dança. Como ela forneceu meios para que seus praticantes encontrassem formas de inclusão, resistência e arte em suas vidas. Desse modo, ao longo do texto é apresentado as entrevistas realizadas, resgatando o histórico da capoeira no município paranaense, e mostrando como essa cultura contribuiu para vida de cada um, dando visibilidade a sujeitos e lugares. Como resultado, a capoeira tem um papel importante de inclusão social e de reconhecimento dos sujeitos, quando pensada sendo uma cultura afro-brasileira. Ainda assim, essa cultura encontra obstáculos, uma vez que não possui o reconhecimento que deveria, principalmente pelos órgãos públicos.

No capítulo 5, “Repensando o currículo: uma proposta de geografia escolar para indígenas da etnia Atikum em Angical – Bahia”, nele é refletido o processo de ensino – aprendizagem de Geografia na Escola Municipal Indígena Atikum, com o objetivo de propor um plano de curso para a disciplina que identifica com a realidade e o espaço de vivência dos estudantes indígenas. Para isso, foi realizado um estudo sobre o modo de vida dos indígenas, e uma roda de conversa com os pais e professores para analisar o que estava sendo oferecido e as perspectivas que desejam para a escola. Ao longo da pesquisa, foi possível identificar a tensão que os indígenas enfrentam na educação tradicional que silenciava a discussão e reivindicação de um ensino de Geografia escolar específico, pois, embora eles se apropriassem do sentido de identidade e pertencimento em relação ao lugar onde vivem, e tentassem implementar



práticas escolares que fazia sentido para os alunos e sua comunidade, não existia um espaço próprio para repensar um currículo diferenciado para os indígenas.

No capítulo seguinte, “A cartografia escolar e o pensamento espacial dos estudantes ao final do fundamental brasileiro” aborda sobre um teste de habilidades do pensamento espacial associado à cartografia, composto de 16 questões, 8 delas utilizando mapas como suporte essencial de resolução, 4 acerca da lógica da linguagem cartográfica, mas sem o uso de mapas e 4 questões clássicas de visualização espacial, utilizando figuras geométricas, desenvolvido por dois geógrafos, um estadunidense e um coreano, aplicado a 268 alunos do nono ano do ensino fundamental de seis escolas diferentes do Rio de Janeiro. A partir dessa pesquisa, é possível identificar em qual medida a educação geográfica nacional tem sido eficiente e permite orientar o desenvolvimento de futuras estratégias pedagógicas a fim de superar os problemas identificados, e o resultado da pesquisa é a necessidade de repensar as práticas docentes associadas ao mapa e ao pensamento espacial no ensino fundamental.

No capítulo sete, “O ensino de geografia e a poética ontológica do bem viver”, aborda sobre a importância da escola sendo um meio intercultural de valorizar as singularidades e pluralidades sócio-linguístico-culturais de sua comunidade escolar, assim, o ensino de geografia não deve se submeter às tradicionais políticas de invisibilizar o lugar onde ela está inserida, ou seja, de acordo com o autor, a geografia deve agir de forma a considerar a poética ontológica, que é considerar o meio onde os educandos estão inseridos, e trazer o aprendizado através da vivência deles no lugar, dando atenção aos valores sócio – linguístico – culturais dos alunos, aos valores que estão alojados na alma de cada estudante.

No capítulo oito, “Experiências imigratórias em pequenos espaços insulares. Os casos das ilhas Graciosa (Açores) e El Hierro (Canárias)”, o autor tem como objetivo de falar sobre esse fenômeno migratório recente nesses espaços insulares e raramente conhecidos, uma vez que com a migração atual está cada

vez mais globalizada, regiões como essas citadas anteriormente teve um aumento considerável nos últimos anos no fenômeno da imigração. Então, é abordado sobre o fenômeno da migração, fazendo uma análise comparativa do mesmo entre as duas ilhas ibéricas localizadas no oceano atlântico e logo depois, é feito uma análise sobre essa relação da sociedade insular com os imigrantes, analisando os principais impactos que essa chegada de imigrantes trouxe para as ilhas e para as sociedades insulares, sendo colocado em pauta fatos como racismo/xenofobia com os imigrantes, também há o reconhecimento da importância da presença dos mesmos para agregar economicamente as ilhas.

No capítulo nove, “Energia geotérmica e bomba de calor: alternativa sustentável a partir de outras fontes de energia”, fala sobre a necessidade da sociedade em investir na sustentabilidade por meio da utilização de fontes renováveis de energia, uma vez que, com a expansão da industrialização e urbanização na segunda metade do século XX, houve um aumento do número populacional, e, conseqüentemente, uma maior demanda de energia. Assim, o autor destaca a energia geotérmica, a energia que é obtida abaixo da superfície sólida da Terra, sendo uma fonte de energia sem resíduos nocivos à saúde e ao meio ambiente, que não depende de condições climáticas para o desenvolvimento do seu potencial. Na obra, é discutido sobre a viabilidade de utilizar energia geotérmica no setor residencial, recorrendo a bombas de calor geotérmica como fonte ou dissipador de calor, assim, na Escola de Engenharia de São Carlos, está sendo desenvolvido um estudo pioneiro de captação ou rejeição do calor do solo por meio de estacas que compõe a construção. Desse modo, o texto traz uma percepção da importância do investimento na educação básica e tecnologia para o desenvolvimento de produção de energia sustentável, viabilizando assim a segurança econômica e social do país.

No capítulo dez, “A BR 158 e as transformações do cerrado no vale do Araguaia Mato – Grossense”, é relato uma pesquisa de cunho quantitativo, realizada na região do Vale do Araguaia em Mato Grosso, apresentando aspectos da rodovia BR 158 que desde a sua construção, tem influência nessa

região, que historicamente foi marcada por políticas econômicas agroexportadoras, descasos socioambientais e segregação espacial. Assim, é concluído que as políticas, como os programas Proterra e o Polocentro, caracterizadas por promover a ocupação e exploração dessa terra que teoricamente tinha grandes potenciais econômicos e estava isolada, sob esse viés, houve uma preocupação de integrar essa área ao restante do país, se preocupando apenas com o capital, deixando de lado os aspectos sociais e ambientais e como consequência, houve transformações no bioma Cerrado Brasileiro, mais especificamente, a devastação desse, pois quando a vegetação natural que possui raízes profundas que retêm a água do solo, é retirada para a cultura de vegetações de raízes mais curtas, causa a migração dessas águas, gerando um desarranjo social, devido a falta de planejamento e pela rapidez, sendo motivo de conflitos até hoje, uma vez que o crescimento das monoculturas e dos grandes latifúndios ameaçam muito as famílias assentados na região, pois acabam sendo incorporados à monocultura por não terem espaço e não conseguirem resistir à pressão dos grandes produtores que arrendam suas terras, dessa forma, ficam obrigados a viver nas periferias das cidades.

No penúltimo capítulo, “Rótulos dos alimentos no Brasil: um estudo à luz da “Geografia Médica”, é realizada uma reflexão sobre a leitura dos rótulos dos alimentos no Brasil, colocando em análise a alimentação e os seus benefícios para a saúde do corpo assim como a capacidade de compreensão e entendimento dos rótulos por parte dos consumidores.

No último capítulo, “O lugar das culturas afro – brasileiras no currículo do ensino médio em Araguaína – TO”, buscou investigar as culturas afrobrasileiras nos currículos do ensino médio em três colégios de Araguaína – TO, mais especificamente em dois colégios públicos e um colégio confessional. Então o autor verifica o que e quando as culturas afro – brasileiras são estudadas nesses colégios, em termos de carga horária e temas, comparando os estudos dessa temática neles. A LDB assegura o direito e torna obrigatório o estudo das culturas afro – brasileiras no currículo educacional e no texto, o autor mostra

todo esse processo das leis responsáveis por assegurar esse direito, assim como também a BNCC que é responsável por estabelecer os objetivos de aprendizagem que se pretende alcançar e é válida desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Entrevistas foram realizadas, e os entrevistados destacaram que a abordagem dessas temáticas vem ganhando espaço no currículo e que nos livros didáticos tem ocorrido uma nova ênfase nos conteúdos sobre a História da África, entretanto de maneira mais tímida, há também o desenvolvimento de conscientização e realização de palestras sobre o racismo como por exemplo. Entretanto é retrato sobre a dificuldade de lidarem com esses temas devido a permanência predominante da cultura eurocêntrica, além de destacar que, abordar sobre esse tema em sala de aula é feito como decisão do profissional, não como cumprimento da lei. Sob essa perspectiva, apesar dos obstáculos, é importante resistir e trazer esse conteúdo no âmbito escolar, para por fim na elitização da educação, onde a cultura de uma classe sempre sobressai em razão da outra, que é silenciada.

Por fim, A obra “Geografia e ensino: Dimensões teóricas e práticas”, tem importância de socializar os doze capítulos, visibilizando os estudos realizados, que são pesquisas de cunho educativo e que relaciona ações humanas sobre o espaço, com o objetivo de apresentar os avanços do meio científico e os potenciais temas a serem estudados futuramente. Os artigos presentes na obra são de fácil compreensão e leitura.